

Brasília, do planejamento ao toque de recolher

Inchaço populacional criou cinturão de desordem urbana e problemas sociais

LEONÊNCIO NOSSA

BRASÍLIA – Planejada para ter 500 mil habitantes, Brasília, aos 42 anos, é muito diferente da cidade calma e espaçosa criada pelo urbanista Lúcio Costa no fim dos anos 50. A região metropolitana, que inclui as cidades-satélites do Distrito Federal, 19 municípios de Goiás e 3 de Minas, abriga 3 milhões de habitantes e tem crescimento de 3,41% ao ano, a maior taxa do País.

O inchaço instalou em torno dos palácios onde trabalham o presidente da República, os parlamentares e os juízes um cinturão de desordem e problemas sociais. Faltam moradia, transporte, saneamento e trabalho. A violência é crescente e, nas favelas planas da periferia, foragidos impõem toque de recolher.

Brasília tem ainda um grave problema fundiário. Nas cercanias, ruas e condomínios irregulares são abertos em áreas públicas ou de preservação ambiental. Levantamento do Centro de Cartografia Aplicada e Informações Geográficas da Universidade de Brasília (UnB) mostra que esses condomínios – boa parte de classe média – representam 41% do espaço urbano do Distrito Federal. “Há descontrole no processo de ocupação”, diz o coordenador da pesquisa, o geógrafo Rafael Sazio. Nos anos 90, a área urbana do Distrito Federal pulou de 40 mil para 72 mil hectares.

A periferia vive um processo de favelização e aumento da população pobre semelhante ao que ocorreu, nos anos 50, em São Paulo e no Rio. Com a retração da indústria paulista no fim dos anos 80, Brasília se tornou, em números relativos, a cidade que mais recebe migran-

tes. A cada 24 horas, paus-de-arara despejam 164 trabalhadores sem qualificação, a maioria do Norte e do Nordeste.

O agricultor Expedito de Oliveira, de 57 anos, passou 21 dias nas boléias e carrocerias de caminhões para vir de Iguatu, no sertão do Ceará, com a mulher, Francisca, de 45, quatro filhos e três netos. A família vive há três meses à margem da BR-020, a 1 quilômetro da Granja do Torto, uma das residências da Presidência. “A vida aqui está cada vez pior”, lamentou Expedito. Ao ouvir o pai, Silvana, de 21, contestou: “Brasília é mil vezes

melhor que no Ceará, onde a gente passa fome a toda hora.” Expedito concordou. “Aqui às vezes a gente ganha comida.”

Hospital – Mãe de quatro filhos e grávida de sete meses, a baiana Kátia Brás Costa, de 26 anos, migrou para a capital atraída pela estrutura de saúde da cidade. Ela mora à margem da BR-020 com o marido José Moraes, de 42, e os filhos. A famí-

lia vive de catar latas. “Aqui tem médico para me ligar e para as crianças”, avalia Kátia. Cerca de 55% das pessoas atendidas na rede hospitalar de Bra-

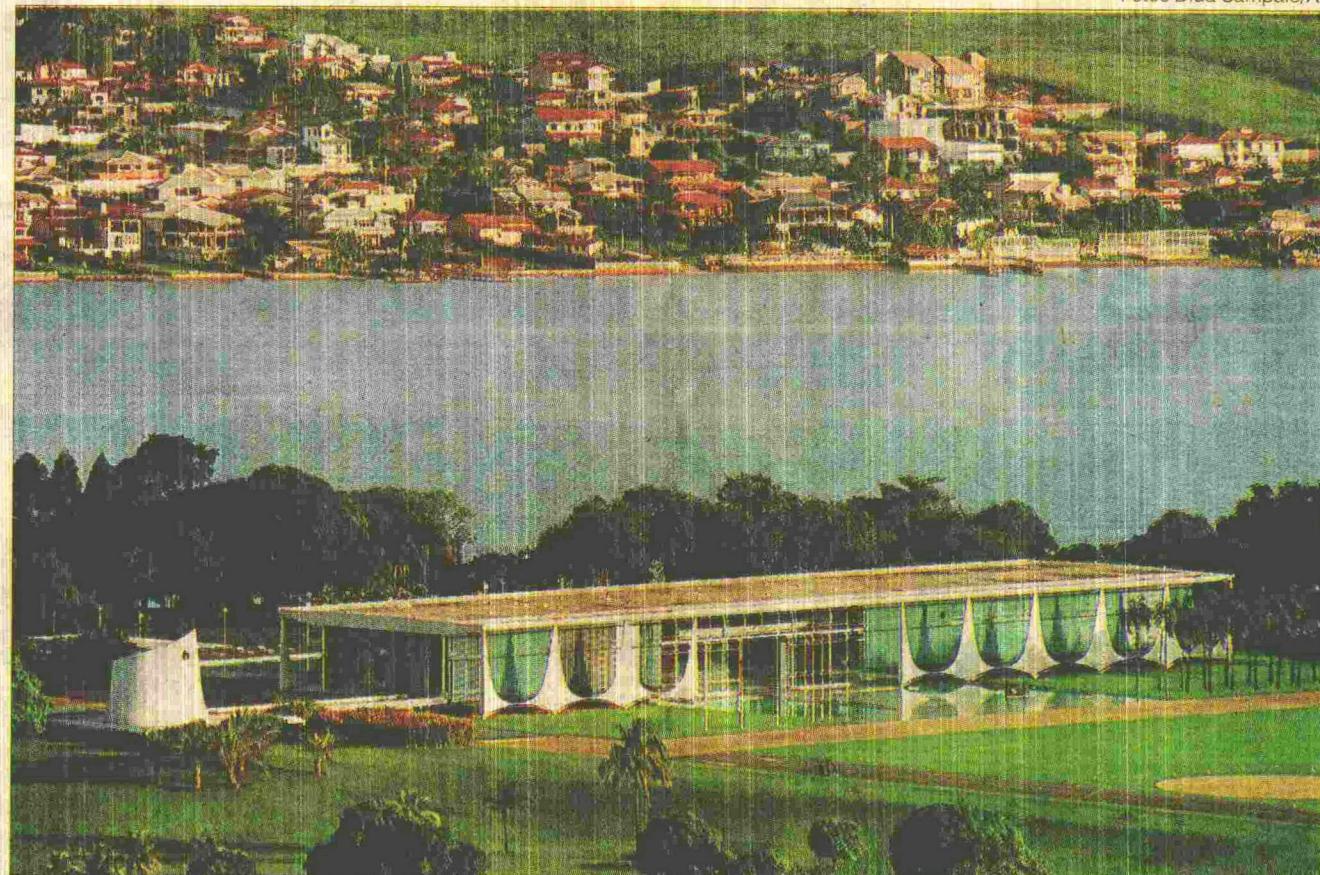
sília são de fora da cidade.

O Ministério da Justiça constata que a violência cresceu, de janeiro a junho deste ano, em oito das dez cidades do Distrito Federal. Em Santa Maria, subiu 33,5%. “É uma bomba de efeito retardado”, diz o secretário Nacional de Direitos Humanos, Paulo Sérgio Pinheiro.

Morador da Estrutural, favela formada em cima de um poliduto da Petrobrás, o catador Damião da Conceição, de 50 anos, avisa que ali o “tiroteio doido” pode começar à tarde. Com salário de R\$ 200, ele perdeu a conta dos barracos que montou e viu a polícia destruir. Expedita Ribeiro, de 48, irmã de Damião, confirma. Ela mora com seis filhos e quatro netos em um lote de 8 por 12 metros.

Expedita conta que os crimi-

Fotos Dida Sampaio/AE



Palácio da Alvorada, centro do poder no Distrito Federal: envolto por um cinturão de desordem

PERIFERIA SOFRE AUMENTO DE FAVELAS

nosos não se preocupam em ganhar a simpatia dos moradores. No fim do mês passado, o faxineiro Beneloide Oliveira do Nascimento, de 21 anos, teve as orelhas decepadas por quatro homens ao voltar para casa. Motivo: estava sem dinheiro.

Em plena luz do dia, o Eixão, uma das principais avenidas de Brasília, vira ponto de prostituição. À noite, o tráfico impera. A adolescente R., de 15, pertence à geração da merla, droga mais consumida por adolescentes do Distrito Federal, segundo a Unesco. Essa geração é filha dos novos candangos. R. passa o dia em um hotel de Taguatinga e, à noite, convive com traficantes. “Compro merla dando ‘bomba’ nos otários dos hotéis grã-finos. Vendo saco com papel como se fosse cocaína.”